

A REPRESENTAÇÃO DA ORDEM PATRIARCAL EM “A MORALISTA”, DE DINAH SILVEIRA DE QUEIROZ.

Suely Leite

RESUMO:

Na década de 1950 persistia uma delimitação dos campos de atuação da mulher: o espaço privado. Às mulheres, era permitido o trânsito no universo doméstico. O conto “A moralista” vai além dessa demarcação, pois narra o episódio de uma mãe que transita entre o público e o privado, em uma posição de liderança religiosa e moral. A narrativa também inova na representação do perfil masculino, que coloca o homem em posição diferente ao estabelecido no universo patriarcal comum para a época retratada no texto. O foco narrativo do texto contempla o olhar da filha perante o mundo moral que a cerca. Nesse olhar, a menina registra, no jogo das lembranças, as concepções, pontos de vistas próprios daquele espaço social e dos questionamentos de seu tempo, que sugeriam à mulher exercer certa vigilância sobre si mesma e sobre sua imagem perante a sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: literatura feminina; moralismo; Dinah Silveira de Queiroz; conto.

ABSTRACT:

In the 1950s remained a definition of women’s fields of expertise: private space. Women, was permitted to transit the domestic universe. The short story “A moralista” goes beyond this demarcation, because it tells the story of a mother who moves between the public and private spaces, in a position of religious and moral leadership. The narrative also breaks new ground in the representation of the male profile, which places man in a different position to the established patriarchal common in the universe for the time portrayed in the text. The narrative focus of the text provides the look of her daughter before the moral world that surrounds it. In looking at the girl records, the set of memories, conceptions, points of views themselves that space and social questions of his time, suggested that women should exert some supervision over itself and its image in society.

KEYWORDS: women's literature, morality, Dinah Silveira de Queiroz; short story

O conto “A moralista”, de Dinah Silveira de Queiroz foi escrito em 1957 e, além de várias outras publicações, consta na seleção de Gasparino Damata intitulada *Histórias do Amor Maldito*, pela Gráfica Record Editora, em 1967. Recentemente, foi publicado na coletânea *Os cem melhores contos do século*, organizada pelo professor Ítalo Moriconi e publicada pela editora Objetiva em 2001, e será essa a edição usada nesse trabalho¹⁶, em que se fara a análise do conto a partir de alguns pressupostos teóricos da Análise do Discurso francesa.

O conto “A moralista” (QUEIROZ, 2001, p. 180) escrito em primeira pessoa constitui-se no registro da filha acerca do comportamento feminino da mãe que atende aos padrões de comportamento social permitido à mulher e dela esperado. Como prisioneira das representações tradicionais femininas, a mãe da narradora vive um jogo de aparências em que, o seu atributo de a moralista, é o que rege não apenas sua vida, mas a de todos os habitantes da pequena cidade de Laterra. Em casa, no espaço reservado à família, a mãe dava risadas, arrumava-se para o jantar, perfumava-se, trajava vestidos alegres, decotados, porém não se pintava, não escondia sua face, não usava máscara. A mãe ocupava o posto de rainha do lar e era assim pelo marido tratada. A narradora afirma que o pai adulava a mãe como se dela dependesse, tratando-se apenas de uma forma de agradar sua eterna menina, assim chamada pelo marido. Depois de conversar com uma espírita, a mãe passa a aconselhar as pessoas da pequena cidade em tudo o que iriam fazer. Seus conselhos nunca falham, e ela passa a entender de política, negócios, casamentos tornando-se, assim, a figura central daquela pequena cidade. Seu prestígio, advindo de sua sensatez, faz com que o marido tenha orgulho de desfrutar da companhia de alguém com tanta sabedoria e ele, então, acaba se beneficiando em seus negócios por meio do reconhecimento social da esposa.

O prestígio moral da mulher atinge os domínios da igreja quando passa a fazer as novenas e a rezar os terços, em função da ausência de um padre na cidade, chegando a ser conhecida como padra. Para tanto, veste-se de forma que sua imagem se associe a uma figura sagrada, passando a ser vista pelos habitantes da pequena cidade como uma santa. A mãe incorporara seus atributos de conselheira e atribuía a si o adjetivo de pessoa

¹⁶ Todas as vezes que houver citação referencial do conto, serão usadas as indicações das páginas da coletânea de Ítalo Moriconi (2001).

equilibrada, caridosa, líder de uma cidade. Funda, assim, o Círculo dos Pais de Laterra e, a cada dia que passa, sua credibilidade cresce. Porém, aos olhos da filha, o discurso da mãe nada mais significava que uma representação social.

O equilíbrio aparente da família e da imagem da moralista perante a cidade é quebrado com a chegada de um rapaz que “parecia uma moça bonita” (p. 182). A mulher pede ao marido que lhe dê um emprego, para que este possa estar próximo de uma família, pois acredita que com conselhos, repreensões e exemplos, conseguirá o seu propósito: curar o moço. O pai é advertido de que o rapaz não é o tipo de gente que deva morar em casa de respeito, mas a mãe sabe o que faz, portanto, o hóspede passa a freqüentar a casa diariamente.

O comportamento afeminado do rapaz é censurado pela mulher que, ao mesmo tempo em que lhe repreendia, falava-lhe palavras de ternura e otimismo, o que fez com que o rapaz se aproximasse mais daquela família e, em pouco tempo, deixara de ser um estranho. Sua convivência com as práticas religiosas da família o tornara assíduo aos terços, sua timidez diminuiu, seus gestos afeminados foram ficando para trás e suas atitudes deixaram de ser ridículas aos olhos dos outros. E toda essa transformação devido à companhia e ensinamento daquela que era considerada o esteio moral da pequena Laterra.

Entretanto, os discursos da mulher dirigidos àquela comunidade perdem a força e, os olhares da comunidade dirigidos ao rapaz, quando em companhia de sua protetora, são maliciosos. A filha capta essa malícia e frustra toda a expectativa sobre a façanha que a mãe alcançara ao fazer do moço um rapaz de comportamento masculino. O pai, embora cômico da seriedade da esposa, se entristece por ter de conviver com aquela situação: ter em sua casa aquele que era alvo dos comentários de adultério da esposa. A narradora faz emergirem suspeitas reveladoras dos códigos que regiam a vivência entre as pessoas daquela comunidade. O entrelaçamento dessas suspeitas indica quão tênue era a linha que separava as alianças e os conflitos em torno da moralista.

A moralista foi a última a perceber a paixão que havia despertado no rapaz. O rapaz, já muito à vontade, conta histórias que levam a moralista aos risos, deixa-a à vontade e em um desses momentos vislumbra o pescoço descoberto da mulher e a encara com os olhos vibrantes. Após adoecer, a moralista o visita e o moço lhe confessa algo. Diante de tal revelação, a mulher fica furiosa e, desencantada, pede ao marido que

mande o rapaz embora. O moço volta para a reza e ela lhe ordena que saia daquele local. A renúncia pública da mulher à companhia do rapaz traz o alívio a todos da cidade e as pessoas voltam a acompanhar a moralista em seu terço, desta vez com vozes mais firmes que outrora. A expulsão do rapaz comprova a ideia geral de restauração de valores autoritários que perduram. Passados alguns dias, um fazendeiro o encontra enforcado junto a uma mangueira e aquela cena trágica era a prova de que a cidade precisava: “sua senhora não transigira, sua moralista não falhara” (2001, p. 184). A cidade respira aliviada. A moralista retoma sua vida, segue a risca os padrões sociais de seriedade: já não sorri, usa vestidos pretos, cerrados no pescoço, volta ao equilíbrio inicial, porém, seus conselhos já não são tão convictos como antes.

O discurso presente no conto “A moralista” propõe, de forma sutil, um novo modelo de atuação da mulher em direção ao social, embora essa incursão em direção ao Outro tenha deixado marcas na conduta da protagonista. A representação masculina também supera as delimitações tradicionais da época; superação esta encarnada nas duas personagens masculinas da trama narrativa em questão: uma, o marido da protagonista, lida melhor com as tensões do mundo, mostra-se de forma conciliadora, desvencilha-se das pressões sociais em busca da harmonia familiar, sua convivência no lar é marcada por admiração e demonstrações de carinho. Tem-se, no conto, um discurso que registra a mudança no modelo do pai na família em meados do século XX, mudança reiterada por Coutinho (1994, p. 91), quando o pai deixava de ser simplesmente o provedor econômico da família para ser aquele que devia zelar pela felicidade e bem-estar de sua esposa e filhos. “Nesta nova função de pai – o pai amoroso e atento aos seus -, o homem deveria encontrar sua mais alta realização humana”. O segundo, o hóspede da casa da protagonista, fugindo ao padrão de masculinidade, apresenta-se inseguro e fragilizado, incapaz de enfrentar as dificuldades da vida com firmeza e apresenta traços de homossexualidade. A imagem masculina imposta pela ordem patriarcal começa a ser desconstruída neste conto, na retratação desses dois personagens.

No conto de Dinah Silveira de Queiroz, a autoridade masculina é minimizada pelo fato de a protagonista ter encontrado uma maneira de exercer a sua autoridade. Segundo Coutinho (1994, p. 20), “poder e autoridade são conceitos que caracterizam, entre outras coisas, as formas de sujeição e os meios através dos quais as decisões são tomadas e executadas”. Assim, pode-se dizer que no texto em questão, o poder e

autoridade são exercidos por uma mulher que, através de estratégias de controle, leva uma comunidade a pensar, sentir ou agir de um modo diferente, atributos já prenunciados pela espírita que a aconselhou:

procure impressionar o próximo. A senhora tem um poder extraordinário sobre os outros, mas não sabe. Deve aconselhar... Porque... se impõe, logo à primeira vista. Aconselhe. Seus conselhos não falharão nunca. [...] Consultavam mamãe a respeito de política, dos casamentos. Como tudo que dizia era sensato, dava certo, começaram a mandar-lhe também pessoas transviadas. (COUTINHO, p. 180-181).

A família retratada no conto apresenta mudanças, avanços em termos das relações afetivas dos papéis desempenhados por seus membros constitutivos. A mulher é aquela que detém a autoridade sobre sua casa, filhos e família e que, indo além, exerce uma influência no espaço público, tem consciência de seu papel político. O papel social que passa a exercer é forte o suficiente para que ela possa influenciar na imagem e nos negócios do marido, que fica encantado com o prestígio de ser o marido da moralista, apresentando claramente uma inversão dos papéis sociais.

Na historiografia ocidental, com o advento e hegemonia do discurso cristão, a mulher se viu representada a partir de duas figuras antagônicas em suas representações: Eva x Maria. Essa dualidade, no conto, dá-se pelo olhar que a filha dirige à mãe: “se me falam em virtude, em moralidade ou imoralidade, em condutas, enfim, em tudo que se relacione com o bem e o mal, eu vejo Mamãe em minha idéia” (2001, p. 180). Para a representação de Eva contribuem as risadas da mãe, os vestidos alegres e decotados que usava durante o jantar, só na presença da família, e a sua beleza. Para a representação de Maria, corroboram o fato de a mãe não se pintar nunca, ir para a reza da noite de véu de renda, comportar-se como uma verdadeira santa. São esses conflitos entre o ser e o parecer que são, de certa forma, questionados pelo olhar da filha adolescente: “via tão claramente o seu modo de representar, que até sentia vergonha” (2001, p. 182). A mulher apresenta dois comportamentos para dois espaços: o público e o privado; duas configurações, uma de Eva, outra de Maria.

Outro discurso presente no texto é o da rivalidade entre mãe e filha, e as questões que dão origem ao conflito são: a vaidade, a atenção do pai, a presença do hóspede. A beleza da mãe é o objeto de inveja da filha:

diante daquela pulcritude minha face era uma miserável e movimentada topografia, onde eu explorava furiosamente, e em gozo físico, pequenos subterrâneos nos poros escuros e profundos, ou vulcãozinhos que estalavam entre as unhas, para o meu prazer. (2001, p. 180)

A atenção que o pai dispensa à mãe também é um dos motivos dos olhares da filha; “a risada de Mamã era um ‘muito obrigada’ a meu Pai, que a adulava como se dela dependesse. Porém, ele mascarava essa adulação brincando e a tratando eternamente de menina” (2001, p. 180). A filha representa – não só por esses conflitos, mas também pela forma que lida com eles – a menina descobrindo-se, despertando para o desejo, embora parte dela sustente um padrão em que o feminino deve se manter passivo: “mentira: uma santa não daria aquelas risadinhas, uma santa não se divertia assim” (p. 181). O despertar da sexualidade da filha acontece na percepção que ela tem da paixão que a mãe despertara no rapaz:

houve uma noite em que o moço contou ao jantar a história de um caipira, e Mamã ria como nunca, levantando a cabeça pequenina, mostrando a sua nudez mais perturbadora – seu pescoço – naquele gorjeio trêmulo. Vi-o, ao empregado, ficar vermelho e de olhos brilhantes, para aquele esplendor branco. Papai não riu. Eu me sentia feliz e assustada. (2001, p. 184).

O sujeito, para a Análise do Discurso, é um sujeito descentrado, porque interpelado pelo inconsciente e pela ideologia. Esse sujeito fala a partir de sua inscrição na história e na ideologia. Assim, também, os “gestos de interpretação” se elaboram historicamente, no embate entre diferentes formulações de ordem ideológica, que orientam a produção do sentido. Conforme Orlandi (1996, p. 64), formulando a partir de Pêcheux, ler não é chegar a um sentido definitivo, último, mas expor-se à opacidade do texto, “saber que o sentido sempre pode ser outro”. Nessa perspectiva, o conto usa dessa estratégia ao apresentar o moço que dever ser curado pela protagonista como alguém que tinha crises de angústia, que não aparecia para o jantar como o combinado e, mais tarde, apresentava-se com os olhos vermelhos. Essa referência ao rapaz induz o leitor a presumir que o rapaz consumia drogas. Já antes, ao comunicar a família sobre o caso que estava recebendo, a mãe anuncia: “hoje me trouxeram um caso difícil. Um

rapaz viciado” (2001, p. 182). A partir daí a filha o descreve sempre com os atributos afeminados, como se esse fosse o único problema do rapaz a ser resolvido pela mãe. É pela presença dos traços homossexuais, apresentado como doença, que o rapaz precisa ser tratado e não pelo consumo de drogas. Os trejeitos estavam no nível da aparência e essa precisava ser restaurada, enquanto que o vício poderia ser encoberto.

O enunciador do conto trabalha com algumas estratégias discursivas, como o silenciamento que está sendo entendido a partir do que escreve Orlandi (1993, p.11-25), “como o não dito, visto do interior da linguagem. Não é o nada, não é o vazio sem história”. Essa autora distingue silêncio fundador, aquele que existe nas palavras, que significa o não-dito e que dá espaço de recuo significante, produzindo as condições para significar; a política do silêncio que se subdivide em silêncio constitutivo, o que nos indica que, para dizer, é preciso não-dizer (uma palavra apaga, necessariamente, as “outras” palavras) e o silêncio local, que se refere à censura (aquilo que é proibido dizer em determinada conjuntura). E, como em AD¹⁷ o objeto de reflexão é o discurso, a autora chega a outra afirmação: “o silêncio é o real do discurso. Só se pode pensar o silêncio quando se pensa o avesso da estrutura, sem o binarismo, sem as oposições e regras escritas” (ORLANDI, 1993, p. 63). Através do que foi dito, é sempre possível se chegar ao que muitas vezes apresenta-se de forma velada no discurso, pois, ainda segundo Orlandi (1993), com ou sem palavras, o silêncio determina os processos de significação, trabalhando os limites das formações discursivas e determinando os limites do não-dizer. Nesse sentido, “a política do silêncio” representa uma linha tênue entre o que se diz e o que não se diz, ou melhor, se diz “x” para não se dizer “y”. A descoberta da sexualidade da filha constitui-se em um discurso velado. A atenção que a mãe despertara no rapaz inquieta a menina, e ele será alvo do ciúme inconsciente da filha: “Ficou meu amigo. Sabia de modas, como ninguém. Dava opinião sobre os meus vestidos (????, p. 183). Menos tímido, ele ficara menos afeminado. Outra dificuldade da filha era aceitar que a mãe tivesse outro estatuto social que não fosse a maternidade: A projeção da mãe para o espaço público era motivo de insatisfação da filha. Era ela quem exigia da mãe um comportamento dentro dos modelos patriarcais, dentro de um espaço privado.

Segundo Orlandi (1993, p. 183), o silêncio é exterior à linguagem, configurando-se em um estado primeiro, em torno do qual a palavra se movimenta. Nesse

¹⁷ AD – abreviatura de Análise do Discurso.

sentido, ele é tomado como a marca, na linguagem, da incompletude, que é fundamental no dizer, pois produz a possibilidade do múltiplo, base da polissemia. Ele é próprio a todo e qualquer processo discursivo. É na incompletude do discurso que paira a suspeita de que a moralista pudesse ser uma adúltera:

Um franco mal-estar dominava a cidade. Até que num domingo, quando Mamãe falou sobre a felicidade conjugal, sobre os deveres do casamento, algumas cabeças se voltaram quase imperceptivelmente para o rapaz, mas ainda assim eu notei a malícia. E qualquer absurdo sentimento arrasou meu coração em expectativa. (2001, p. 182)

No conto, ainda é possível perceber um discurso acerca do estranhamento que ocorre na sociedade quando alguém foge aos papéis sociais binários definidos: ser homem ou ser mulher. O culto às diferenças de hábitos e comportamentos enquadrados nos perfis masculino ou feminino é um discurso presente na sociedade e o homossexualismo, no contexto de produção do conto, é ainda apresentado como uma doença, um desvio de comportamento ou até perversão. A moralista, ao apresentar a situação do rapaz para o marido afirma: “sabe que os médicos de Santo Antônio não deram nenhum jeito?” (2001, p. 182). Em outra ocasião, a filha afirma que a mãe o censurava pelos gestos afeminados: “Tire a mão da cintura. Você já parece uma moça, e assim, então...” .

Quando a comunidade de Laterra descobriu que o rapaz trabalhava para o marido da moralista, este foi advertido: “isso não é gente para trabalhar em casa de respeito” (2001, p. 182). O uso do pronome isso, já recupera, por si só, o problema da falta de identidade masculina ou feminina; ou seja, outra opção que não se encaixasse nessa dualidade era considerada, no contexto do conto, “isso”: uma perversão. E para corrigir essa perversão, “Mamãe disse coisas belíssimas, a respeito da realidade do Demônio, do lado da Besta, e do lado do Anjo” (2001, p. 181). Na década de 50, percebem-se ainda resquícios dos discursos cientificistas que tiveram seu espaço, no Brasil, no final do século XIX e que continuavam vigorando no tempo retratado pela narrativa, meados do século XX.

Focalizar um determinado discurso para entender como se produzem os sentidos dominantes é percorrer os caminhos de sua formulação, buscar as vozes que nele se cruzam, conhecer o sujeito histórico e ideológico responsável por sua produção a fim

de trazer à tona os possíveis diálogos e contradições existentes entre sujeitos femininos diversos e suas criações literárias. Por isso, o conto de Dinah Silveira de Queiroz, escrito em 1957, representa um avanço dos modelos historicamente instituídos, uma vez que a protagonista, faz uma incursão pelo espaço público, porém percebe que sua atuação deve estar atrelada a um agente de controle social: a moralidade. Essa posição de avanço e recuo faz parte da história das mulheres.

REFERENCIAS

COUTINHO, Maria Lucia Rocha. *Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

MORICONI, Ítalo. *Os cem melhores contos brasileiros do século*. (Org.). Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 180-185.

ORLANDI, Eni Pulicelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993. (Coleção Repertórios)

_____. *A Linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 1996.

